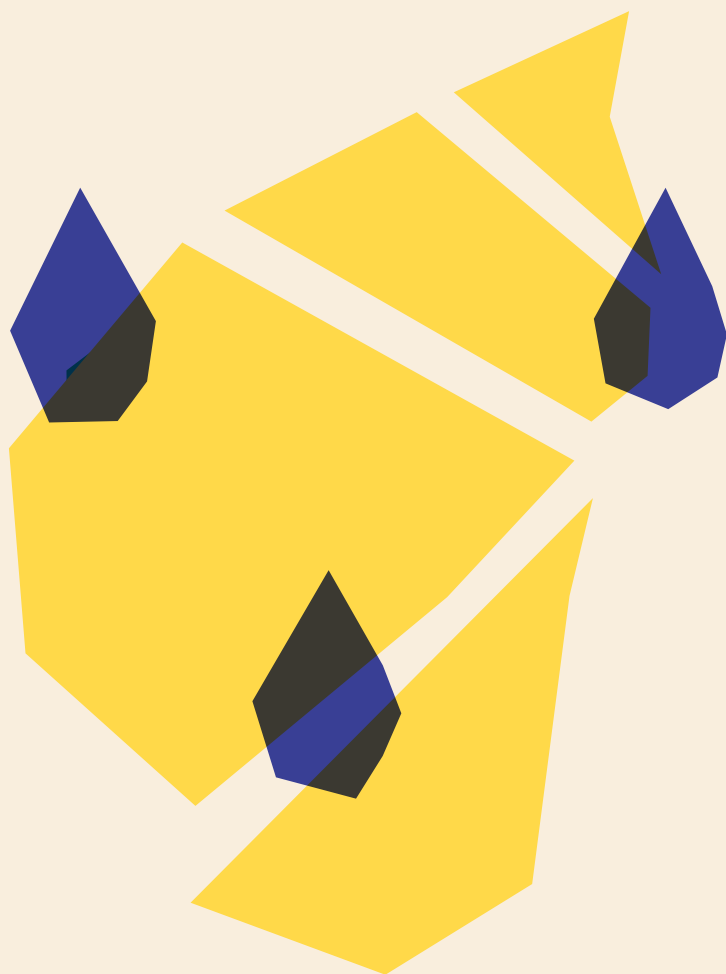


Cântico sobre uma gota de água

Eduardo Bettencourt Pinto



COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.



Cântico sobre uma gota de água

Eduardo Bettencourt Pinto

Prefácio de Onésimo Teotónio Almeida

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.impresnacional.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Eduardo Bettencourt Pinto e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: Cântico sobre uma gota de água

AUTOR: Eduardo Bettencourt Pinto

EDIÇÃO: Jorge Reis-Sá

CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo

CAPA: Estúdio João Campos

REVISÃO DO TEXTO: João Miguel Alves

PAPÉIS: Materica Limestone, 250 g (capa); Arena Smooth Natural 90 g (miolo)

TIPOS DE LETRA: Elena (@Nicole Dotin) e Cako (@Jérémy Schneider)

1.ª edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2996-3

Depósito legal: 490563/21

Edição n.º: 1025308

ÍNDICE

A palavra e a distância em E. (de Exílio) Bettencourt Pinto por Onésimo Teotônio Almeida	17
---	----

OS DEDOS NA IMAGEM

Música	49
A guitarrista	50
Cântico sobre uma gota de água.	51
Ciclo noturno.	52
Quadros	53
As palmeiras de Eugénio	55
Allegro maestoso	57
Mitologia do sul	58
Vinho.	59
Ritos	60
A palavra.	61
Olhar entre ruínas	62
A vizinha	64
O país invisível.	66
O relógio.	67
O silêncio	69
Os últimos dias	70
Arte noturna	72
A minha sombra.	74

O VELHO POETA

O poeta e a cidade	79
Na esplanada.	80

Café	81
O velho poeta	82
Ofício de procura	84
O poema	86

SUL

Salinas no retrato	89
Nostalgia	90
Labirinto	91
Poema à mãe/1	92
Poema à mãe/2	93
Salinas	94
A casa	95
Balada com pedras	96
Breve memória do meu pai	97
As mãos do meu pai	98

SETEMBRO

Monólogo com as sombras	103
Setembro/1	104
Corpo de setembro	105

ILHA

Ilha	109
A viúva da água	110
Evocação da ilha	111
Calheta de Nesquim	112
José Nuno	113

O AMANTE NO LENÇOL

Madrigal	117
Intimidade	118
Dança	119
A cama	120
A lua	121

As mãos	122
O retrato mais antigo.	123
Prelúdio	124

CARAÍBAS

O regresso dos músicos	127
História dum guerrilheiro	128
Menina da água	131

**MENINA DA ÁGUA CANTATA EM B MENOR — NORDESTE,
S. MIGUEL, AÇORES**

1/.	135
2/.	136
3/.	137
4/.	138
5/.	139
6/.	140
7/.	141
8/.	142
9/.	143
10/.	144
11/.	145
12/.	146
13/.	147
14/.	148
15/.	149
16/.	150
17/.	151
18/.	152
19/.	153
20/.	154
21/.	155
22/.	156
23/.	157
24/.	158

25/	159
26/	160
27/	161
28/	162
29/	163
30/	164
31/	165
32/	166
33/	167
34/	168
35/	169
36/	170
37/	171
38/	172
39/	173
40/	174
41/	175
42/	176
43/	177
44/	178
45/	179
46/	180
47/	181
48/	182
49/	183
50/	184

A COR DO SUL NOS TEUS OLHOS

Estações brancas	191
Fim de festa	192
Tão longe o sul	193
África	194
Retrato antigo	195
Momento	196
Enunciação	197

Anoitecer em Alebag	198
As lágrimas da água	199
Ilha	200
Sentado na sombra do silêncio.	201
A velha cidade	202
O caminho de regresso.	203
As palavras	204
Meditação de sábado	205
Percurso	206
Café	207
As palavras cantam no mar.	208
As palavras das árvores	210
Sinopse.	211
Introspeção	212
Um caminho para o sul	213
Matinal	214
Vigília	215
Braços	216
Agosto	217
Peregrinatio	218
Não sei dizer que te amo quando estou triste	219
O silêncio	220
O nome.	221
Na floresta, quem diria!	222
Amanhecer	223
Manhã na ilha	224
Fragor	225
Homem a fugir do poema.	226
Rente ao crepúsculo	227
Noite	228
Trabalho no jardim	229
Tão pouco	230
Memória.	231
Quadro.	232
Errâncias	233

Momento	234
Pequeno romance de abril.	235
A fala do romântico	236
Uma palavra sobre a tarde	237
Rente à pele.	238
Poema do litoral	239
Monólogo com o desejo	240
Conhece nas minhas mãos	241
Musical	242
O rumor das tuas margens	243
Amor	244
Tato	245
Madrigal rente à primavera	246
Fim do dia	247
Rosas	248
Proximidade	249
A mesa	250
Melancolia	251
Breve momento com o verão por cima.	252
Verão	253
Voo	254
Neblina.	255
Do amor	256
Utopia	257
Após.	258
Sonata a caminho do verão	259
Nos campos onde moram os ventos dos teus olhos.	260
Depois de ti	261
Sinais.	262
Junto ao mar que anoitece.	263
Verão	264
As cores dos teus olhos.	265
Viagem interior	266
Vertigem.	267
De setembro	268

Canção	269
Retrato sobre a cómoda	270
Sentimento de chuva	271
Domingo.	272
Momento	273
Sentir	274
Harmonia	275
Escureço	276
Madrigal.	277
Casi cielo	278
Música	279
Oh, quante lagrime per te versai	280

TANGO NOS PÁTIOS DO SUL

A tarde	285
Antes do tempo	286
Caminhas nos cânticos do sul	287
Tango.	288
Alba	289
As mulheres.	290
Voz	291
Nos dias	292
O escritor	293
Regressas às Salinas olhando a memória no retrato.	294
Só o desamor é fútil.	295
Teresa.	296
Tribo	298

VIAJAR COM SOMBRAS

A velha máquina de escrever	301
Mãe das ilhas.	303
Alma	304
Amina Lawal	305
Campo de S. Francisco	307
Cantata sobre um rosto	308

Cântico	309
Idade	310
Imagem na espuma.	311
Manhã de chuva.	312
A lavadeira	313
O mar que atravessavas em setembro	314
O princípio do mundo	315
Ofício.	316
Poema no guardanapo.	317
Angola	318
Primeiro, último encontro	319
Quadros mediterrânicos	321
Solstício	322
Um país? Que importa?	323
Uma mulher	325
Verão	326

UM DIA QUALQUER EM JUNHO

A mãe	329
A senhora do inverno.	330
A sombra das palavras	331
Cantata.	332
Inícios	333
Legado	334
Monólogo do romântico triste.	335
Pai nos últimos templos.	336
S. Jorge	337
Um momento tão perto	338
Utopia	339
Yelapa, México.	340

ÁGUAS DE SOLEDADE FUNCHAL, MADEIRA

Varanda noturna	343
Uma ilha dentro das mãos	344
Essence.	345

Rua	346
Rua da memória	347
Na dobra do lençol.	348
Águas de soledade.	349
Instantâneo.	350
Ofício urbano.	351
Discurso sobre um guardanapo.	352
Adeus.	353

MÚSICA

Entrega aos dedos
o domínio da arte.

Pega na guitarra
– cada sílaba
um acorde.

Escuta a música
entre os dedos.
Um bolero é isso.

A GUITARRISTA

Os cabelos caem sobre a guitarra.
Dançam com os dedos,
revoada de sinais
entre a música noturna dos seus caracóis.
A audiência, sentada na expectativa,
não sabe acolher nas mãos
o milagre dessa rosa.

CÂNTICO SOBRE UMA GOTA DE ÁGUA

A música, instante ardente dos salmos,
transforma a pedra num templo.
Ilumina os caminhos noturnos
das palavras,
as páginas de lume
dos velhos pergaminhos do deserto.
Alma da água, do vento.
Cintilação de cristais nas vestes das virgens.
Dançam ainda, vês?,
entre as últimas ruínas da luz.

CICLO NOTURNO

Que esconde a noite
nos impenetráveis labirintos?
Que palavras respiram,
abandonadas,
sob a cabeceira?
O desejo afunda-se na terra
da carne.

Ouve-se uma guitarra lânguida
entre os pinheiros,
a janela aberta,
a brisa,
as cortinas num cântico
surdo.
O mundo é mais escuro
junto ao coração.
A noite, a funda noite,
as ruínas dum caminho.

QUADROS

No sul, as casas correm para o mar.
Seriam brancas, ao fundo, nos dias limpos
e altos
se pudesses apagar da nostalgia
um vasto outono de regressos.

* * *

A voz que te abrigou das chuvas,
agora um esplendor de orvalho
sobre a rosa.

* * *

Dá-me a tua mão, mãe.
Dói-me tanto o mar sem ti!

* * *

Que restará do trigo que cresceu
no teu nome
se o olhar envelheceu
entre a escuridão do mundo?

* * *

O tempo, árida terra,
deixa na tua pele
a idade do pó.

* * *

Se abraçares os pinheiros bravos
com as palavras mais inocentes,
encontrarás ainda a criança
e a sombra das suas mãos.

ADEUS

Chegar ao fim de maio com sal na camisa,
espelhos de água
quebrados junto aos pés;
tudo o que foi o mar, noites nos pátios,
velas, gerânios, cânticos
e barcos crepusculares navegando nos cabelos
de quem te ouvia como se fosses um príncipe.
Tudo fecha-se agora com pesadas chaves,
nos últimos botões da camisa.
Sobre as velhas telhas destas casas
onde os pombos nascem estrangeiros,
ouves a brisa, um frémito de pedra violada
pela irradiação solar.
O silêncio nasce
no momento em que fechas a janela
e o teu olhar se enrola
no último rumor das cortinas.

EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em Gabela, Sul de Angola. Radicou-se no Zimbabwe (Harare e Bulawayo) em 1975. Ponta Delgada, cidade dos seus ancestrais maternos, acolheu-o na Primavera de 1976. Errante por natureza (começou a viajar sozinho aos 12 anos de idade, em Angola) viria a radicar-se, em 1983, na costa oeste do Canadá onde ainda vive.

Publicou vários livros de poesia (traduzida em várias línguas) e ficção. Foi editor da revista *online* de artes&letras *Seixo review*. Tem colaboração dispersa por jornais e revistas. Está representado em antologias em Angola, Portugal, Espanha, Itália, Letónia, Brasil, Cuba, Canadá, Israel e Estados Unidos.

NA ESPLANADA

Na esplanada,
a tarde cai
sobre as mesas vazias.
Sente nas mãos as águas dos instantes,
uma torrente de solidões.
Cansa-se da brisa que corre da autoestrada
e mergulha ao seu lado
com o som metálico
do tráfego automóvel.
Abre as mãos às palavras
da tribo.
Trazem a leveza das sementes,
as dispersas raízes da voz.
Uma criança cresce
no poema que escreve.
Quando salta da página
atravessa a rua a correr
e perde-se no longo oceano
da idade.

